

Mobilização da sociedade pressionará Lira a pautar impeachment de Bolsonaro

Em mais um fim de semana de protestos, com carreatas em várias cidades do Brasil, a classe trabalhadora brasileira reforçou seu posicionamento contrário ao governo de Jair Bolsonaro (ex-PSL), que não tem um projeto de desenvolvimento com geração de emprego e renda nem para combater a pandemia do novo coronavírus, comprar vacinas e pagar um auxílio emergencial para a população mais pobre conseguir sobreviver com o mínimo de dignidade durante a maior crise sanitária da história.

O grito “ForaBolsonaro” ecoou junto com buzinações em mais de 70 cidades, reunindo milhares de manifestantes, que exigem a saída do presidente e pressionaram o presidente do Congresso Nacional, Arthur Lira (PP-AL) a pautar um dos cerca de 70 pedidos de afastamento já foram apresentados à Câmara. Nenhum presidente brasileiro teve até hoje tantos pedidos de impeachment protocolados na casa.

Mas, para que o Congresso, de fato, ‘desengavete’ o impeachment, a mobilização deverá crescer ainda mais e contar com a participação de outros setores da sociedade que também são impactados pela falta de competência e irresponsabilidade de Bolsonaro para governar o país, avalia a Secretária-Geral da CUT, Carmen Foro.

As pedras no caminho para o impeachment, ela diz, têm nomes. São os recém-eleitos presidentes da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, parlamentar do bloco chamado de ‘Centrão’, que reúne partidos de centro e centro-direita; e o do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), ambos aliados de Bolsonaro e por quem o governo trabalhou, deu cargos e liberou verbas para conseguir eleger.

“O país, mergulhado em uma calamidade sanitária, assistiu a toda a mobilização política articulada para a eleição da presidência da Câmara. Arthur Lira é alinhado ao governo neofascista de Jair Bolsonaro

e agora é a pessoa responsável pela pilha de pedidos de impeachment”, diz Carmen Foro.

Na avaliação da dirigente, a forma de negociação política promovida pelo governo para garantir influência em cargos no Congresso Nacional foi escandalosa. “O presidente pagou R\$ 511,5 milhões em emendas parlamentares em janeiro para a Câmara e para o Senado para eleger Lira”, diz.

Para os trabalhadores, este cenário representa um retrocesso às pautas progressistas, justamente em um momento de agravamento da pandemia do novo coronavírus e de elevação do desemprego, que já atinge mais de 14% dos trabalhadores.

Por isso, Carmen afirma que a luta é árdua, mas o povo brasileiro tem que levar sua voz às ruas a fim de pressionar ainda mais os aliados de Bolsonaro e mostrar quais são as reais necessidades do país.

“O empenho tem que ser pela garantia do Estado Democrático de Direito, pela eficiência na aquisição de vacinas e na imunização, pelo retorno do auxílio emergencial e pela criação de novos postos de trabalho”, diz Carmen, que acrescenta: “Com Bolsonaro isso é impossível e só Bolsonaro fora da presidência o Brasil poderá se salvar”, ela diz.

É a mobilização, de acordo com ela, é o caminho. “A classe trabalhadora, os movimentos de esquerda e os setores empresariais comprometidos com o regime democrático devem se juntar ao clamor social em grandes mobilizações para pressionar o Congresso a dar andamento ao impeachment”.

Nas ruas e nas redes

O ativismo nas redes sociais,



que têm se mostrado um instrumento de luta de grande influência e a luta nas ruas, ainda que neste grave momento pandêmico, é que tem o poder de unir os diversos setores da sociedade nas mobilizações, diz a Secretária Geral da CUT. “Temos que nos unir e usar todas as nossas forças contra esse governo genocida, negacionista, exigir o impeachment e impedir a reeleição em 2022”.

Motivos não faltam

Bolsonaro é acusado de cometer crimes contra a soberania nacional, contra a existência da União, além de incitar conflitos entre os três poderes.

A política de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus, que já matou mais de 246 mil pessoas e infectou mais de 10 milhões de brasileiros, permeia a maioria dos pedidos, o que demonstra a total incapacidade de Bolsonaro para gerenciar a crise sanitária e salvar vidas. “É uma postura explícita de sabotagem contra o combate à pandemia”, diz Carmen Foro.

Também é apontada como crime nos pedidos de impeachment, a compra e divulgação de remédios sem eficácia científica comprovada, como hidroxicloroquina e a ivermectina. Os pedidos ainda incluem a postura do presidente em desestimular o isolamento social e a desrespeitar protocolos de segurança para conter a disseminação do vírus.

Fonte: CUT



DESMONTE NÃO É REFORMA.

Responda a ENQUETE e ajude-nos a otimizar a luta contra o desgoverno Bolsonaro.



O presidente é o vírus

Por Paulo Castelo Branco (É sócio-fundador do escritório Paulo Castelo Branco Advogados Associados. Foi Conselheiro Seccional e Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, e Secretário de Segurança Pública do Distrito Federal).

Desde o descobrimento do Brasil que personagens pitorescas pisaram em nosso solo. Os nativos, ao se depararem com os invasores ficaram boquiabertos com os que chegaram com vestimentas estranhas, sujos, barbudos que se intitularam de proprietários da nova terra.

Os desbravadores de mares, que nem sabiam onde estavam, amedrontados com as criaturas nuas e armadas de porretes, arco e flechas, se prepararam para enfrentá-los com suas armas de fogo e espadas.

Os nativos estavam mais curiosos do que agressivos. Os penetras, observando a calma, ofereceram espelhos e quinquilharias em busca de entendimento. Os daqui, com jeito carioca, logo se comunicaram com gestos amistosos e os outros, acostumados as longas viagens quase sem rumo, foram ficando e explorando nossas riquezas sem reação. Os conflitos territoriais na Europa e a submissão dos reinos ao poderio estratégico e militar de Napoleão Bonaparte, obrigou o imperador português a fugir para além-mar.

Novamente os nativos acharam engraçado os costumes dos novos donos, mas, como de costume, se calaram. Um dia, o imperador da hora, decidiu gritar a nossa independência de forma igualmente pitoresca. E, assim, chegamos aos dias de hoje, e a maioria do povo escolheu para nos governar outro governante pitoresco.

No caso atual, o presidente,

além de engraçado, tem comido o pão que ele próprio amassou.

Não há dia em que o vírus nele instalado não apresente efeitos colaterais, deixando os brasileiros, tal qual os índios citados no início, boquiabertos.

Cientistas do mundo inteiro, ao pesquisar o novo coronavírus, encontraram uma estranha mutação idêntica ao DNA do presidente que vazou em uma das muitas ocasiões em que se submeteu a cirurgias. Segundo alguns estudiosos do comportamento humano e especializados em acompanhamento da saúde de ex-governantes no mundo afora, o nosso atual timoneiro que, sem prática em mares revoltos, sofre do próprio vírus e nos levará ao naufrágio.

As confusões provocadas pelo cara encontram seguidores que foram infectados logo após a tal da fachada que, misteriosamente, teve o agressor diagnosticado como louco e o agredido sem nenhum exame de sanidade mental.

O resultado é o que temos visto diariamente, e poucos se preocupam com o destino do país. É fato que muitos avanços foram obtidos ao longo do mandato. Auxiliares competentes carregam o peso da governança, sempre com o cuidado de não aparecer demais e serem defenestrados do governo. Alguns que exerceram funções de destaque, antes de saírem, foram humilhados e destratados pelo chefe. Mas desses casos se transformaram em folclore.

Todas as diatribes do presidente democraticamente eleito po-

dem ser consideradas como insanidade, mas, por trás desses fatos, há alguns imperdoáveis como a homofobia, o culto à tortura e a torturadores, o desprezo e desrespeito com as minorias, especialmente as mulheres.

Parece que o presidente provoca celeumas para encobrir os desmandos de seus filhos e que poderão atingi-lo pois, também exerceu mandato na famosa “Gaiola de Ouro” que abriu caminho para a “rachadinha” que, hoje, está institucionalizada em nossa política.

Há, porém, uma insistência bolsonariana que merece ser observada pela população e nossos representantes no Congresso Nacional. Ao longo do mandato, o presidente tem forçado a barra para liberar o uso de armamentos, com a alegação de que “povo armado, nunca será dominado”.

Essa fala, no fundo, pode ser a formação de milícia do governo com poderes ilimitados e sem julgamento. Bolsonaro, com suas medidas incentivadoras de violência e protetivas de policiais, dá a impressão de que todos os que cometeram crimes serão anistiados. Não é verdade, o processo só será concluído depois examinado criteriosamente pelo poder Judiciário.

Bolsonaro, ao invés de pregar a paz, reconhecer o trabalho dos cientistas e conciliar a nação, parte para o tudo ou nada, sendo que o tudo é a ditadura tão admirada por ele..

Matéria completa em uol.com.br